

MASON CROSS

A NOVA ESTRELA DO THRILLER



«Alucinante! A não perder.»

Daily Mail

FUGITIVO

Ele era um deles...
Agora, é um alvo a abater.

TOP
SEL
LER

PRÓLOGO

TYUMEN, SIBÉRIA

O americano entrou no Anatoli's passavam 5 minutos da uma da manhã. Fez uma pausa à porta para dar uma vista de olhos pelo interior antes de selecionar o seu assento habitual ao fundo do bar.

Sabia que o calor da lareira lhe saberia bem mal penetrasse na dormência do seu rosto. Era o único cliente tardio, o que lhe agradou. O barman olhou para ele e acenou com a cabeça, indicando-lhe que dentro de um minuto lhe levaria o habitual e isso deu-lhe tempo para despir as camadas superiores da roupa e se pôr à vontade.

Começou por descalçar as luvas grossas. A seguir libertou-se do gorro de caçador, grande, forrado a lã e com protetores para as orelhas. Poisou as luvas e o chapéu no banco a seu lado e depois desabotoou o pesado casaco acolchoado. Despiu-o e deixou-o cair no banco. Por fim, retirou a camisola para que o calor do lume começasse a infiltrar-se nas suas extremidades.

O problema não era o frio, pensava com frequência. Não diretamente. Consegue-se suportar o frio desde que estejamos preparados para ele. É essa preparação constante que nos castiga: o ter de o aguentar, de lidar com ele, a cuidadosa criação de camadas e o retirá-las para podermos sobreviver neste ambiente, nesta época do ano. O cuidado constante necessário simplesmente para existir.

Na outra noite vira por acaso um documentário num dos canais locais acerca da Corrida Espacial. Naturalmente que era apresentado do ponto de vista soviético, favorecendo Gagarine e Tereshkova em relação a Glenn e Armstrong, mas algumas coisas eram universais. Pensou que sabia mais ou menos o que era ser cosmonauta: preparar-se para ir para um local onde não devia haver seres humanos. Da perspetiva de uma noite já adiantada do princípio de dezembro, era difícil resistir à tentação de acrescentar Tyuman à lista.

O barman estava finalmente a servir a sua imperial quando se abriu uma nesga da porta por onde entrou uma rajada de vento gelado.

Olhou e viu duas pessoas entrarem. Tanto quanto era possível discernir pelas roupas de inverno, eram ambos homens, razoavelmente altos. Usavam chapéus e casacos tão volumosos como os seus. Para além disso seria impossível dizer o que quer que fosse a respeito deles — idade, peso, até raça — até que se revelassem.

O barman foi ter com ele, ignorando os recém-chegados. Era um arménio musculoso, cuja camisa de quadrados, acolchoada, deixava entrever as tatuagens do pescoço e as que lhe subiam pelas costas das mãos. Parecia um touro com uma pera. O barman poisou a cerveja junto do americano, que acenou com a cabeça.

— *Spasibo* — agradeceu.

Manteve disfarçadamente os dois recém-chegados debaixo de olho. Nada havia de aparentemente suspeito neles. Eram provavelmente homens da terra, no fim de um turno de uma das fábricas locais. Nem sequer tinham olhado na sua direção. Mas, mesmo assim era melhor manter os olhos abertos. Era por isso que ocupava sempre aquele lugar com vista desobstruída para a porta. Cautela. Viver de acordo com as circunstâncias.

Bebeu um gole de cerveja e fez uma careta, recordando-se pela centésima vez das saudades que tinha de casa. Ou de qualquer outro lugar que não fosse aquele em que se encontrava. Tyumen não lhe parecera assim tão mau quando chegara no verão, com o tempo relativamente quente. O emprego era bem pago e o contrato era a prazo indeterminado. O trabalho não era difícil: conciliava o serviço de guarda-costas com alguma investigação, sem dispensar um ocasional recurso a um pouco de violência. O tipo de trabalho que poderia fazer a dormir.

Os dois homens haviam quase completado a árdua tarefa de retirarem o vestuário exterior e ele pôde aperceber-se de que eram ambos caucasianos, jovens e em boa forma. O seu sistema de alerta interno aumentou os níveis de atenção. Não vale a pena escolher sempre um lugar com vista para a porta e manter os olhos bem abertos se não for para se poder avaliar todas as ameaças em potência. A sua escala ia até dez e meia por ela cada pessoa com quem contactava. Aqueles dois não pareciam dignos de preocupação, pelo menos até ali. Tinham agora subido até ao nível três da escala. Quase de certeza não seriam mais do que aparentavam. Todos os meses registava vários exemplos de níveis três ou quatro na escala.

Pediu outra bebida e ergueu os olhos para o ecrã da televisão presa na parede. Estava sintonizado para o *Russia Today*. Todas as notícias que

vale a pena transmitir. Ou melhor, todas as notícias que Putin queria transmitir. Cobriam um choque de comboios em Moscovo, mas ele não prestava grande atenção ao acontecimento. Concentrava-se em observar os dois homens pelo canto do olho. E estes não davam qualquer indicação de terem reparado nele. Um via televisão, o outro tentava fazer sinal ao barman, que fazia questão de os manter à espera enquanto limpava um copo. O americano já ali estivera várias vezes e reparou que o barman nunca se mostrava tão diligente a limpar copos como quando havia clientes para serem atendidos.

Mas depois um dos homens tirou qualquer coisa do bolso. Um grande frasco de algibeira, prateado. O homem deslocou o chapéu sobre a mesa, para esconder do barman o que ia fazer, e colocou o frasco por trás, num ângulo deliberado. Um ângulo que lhe permitiria observar a sua posição no reflexo, sem sequer olhar diretamente para ele. Um truque antigo. Ou seria apenas uma coincidência? Nível cinco na escala.

Voltou as costas à televisão. Meteu a mão no bolso à procura de qualquer coisa e retirou de lá o telemóvel. Era um *Nokia* básico, já antigo. Teclas em vez de ecrã digital, sem Internet ou GPS incorporado. Examinou o ecrã e olhou para a porta como se esperasse um parceiro de copos atrasado. Permitiu-se posar brevemente os olhos nos dois homens, embora nenhum dos dois olhasse na sua direção. Vestiam como qualquer outro indivíduo do sexo masculino entre os 20 e os 60 anos que vira entrar naquele bar: calças de ganga, camisa de trabalho, botas pesadas. Não... não exatamente. Arriscou outro olhar às botas. Ambos usavam calçado semelhante, mas nada parecido com o dos trabalhadores das redondezas. Aquelas botas eram caras.

O americano não se incomodou em subir um ponto na escala. Limitou-se a colocar uma nota de 500 rublos na mesa, ao lado da cerveja por acabar e levantou-se para vestir o casaco. Deixou a camisola no banco e agarrou nas luvas e no chapéu antes de se dirigir à porta. Ao tocar no puxador, ouviu uma voz atrás de si.

— *Tovarish*.

Era um dos dois homens. Fingiu não o ter ouvido.

— Agasalhe-se bem — disse o mesmo que falara em russo. — Está frio lá fora.

Ignorou o conselho, notando que o sotaque do homem que falara era quase perfeito. Quase.

O frio subártico atingiu-o como algo tangível no momento em que saiu para a noite, atacando-lhe a pele exposta das mãos e do rosto.

O jipe estava estacionado a 20 metros de distância, do outro lado da rua. Atravessou rapidamente na diagonal para se dirigir a ele e meteu a mão no bolso do casaco em busca das chaves, quase incapaz de as segurar no frio. Conseguiu ativar o controlo remoto e arriscou um olhar para trás quando a mão tocou no puxador.

Os dois homens estavam à porta. Tinham tratado de se agasalhar como devia ser, por isso não estavam com pressa. Porém, agora, não havia dúvida. Estavam interessados nele.

Abriu a porta do jipe e entrou. Suspirou de alívio quando o motor ronronou no momento em que deu a volta à chave que metera na ignição. Com a temperatura a baixar até aos 20 °C negativos nunca se sabia quando o veículo se resolvia a pegar. Já o tinha deixado ficar mal algumas vezes. Felizmente, esta noite não era uma dessas vezes.

Ligou os limpa-para-brisas, grato por a camada de geada no vidro não ter tido tempo de endurecer. Saiu para a estrada e partiu à máxima velocidade que se atreveu na neve, lançando olhares ao retrovisor à medida que o bar e os dois homens desapareciam da sua vista.

Manteve-se na estrada principal durante cerca de 1,5 quilómetros e depois voltou à direita para uma rua lateral. O apartamento não ficava longe, mas não queria ir para lá até ter a certeza de que não fora seguido. Não podia arriscar-se a levá-los até Nika.

E quem seriam eles exatamente? Com sorte, não passariam de gângsteres. Soldados de infantaria de um rival do seu atual patrão, tentando eliminar uma parte da sua capacidade defensiva. Se tivesse azar...

Olhou de novo pelo retrovisor e viu uns faróis que se aproximavam. Tinham uma forma angular única, como triângulos achatados.

O problema de se despistar quem nos segue nesta cidade é a forma como Tyumen é dividida pelos seus dois rios e pelo caminho de ferro Transiberiano, criando zonas isoladas e limitando rigidamente as possibilidades de movimentação na estrada. Girou o volante e voltou imediatamente à esquerda, movimento seguido por uma guinada à direita que o levou por uma ruela estreita onde mal cabiam os retrovisores laterais. Passou à rua seguinte e atravessou a ponte sobre o Tura, que o levou à E22, a estrada em direcção a oeste que o conduziria para fora da cidade. À medida que acelerava, os seus olhos passavam continuamente da estrada para o retrovisor.

Um carro saiu de um beco atrás dele. As mesmas luzes triangulares, como os olhos fixos de um dragão.

Merda.

Não eram gângsteres locais. Eram eles.

A conclusão atingiu-o em cheio na boca do estômago. Podiam perfeitamente ter colado um localizador no seu jipe, enquanto ele estava no bar. Isso explicaria o facto de parecerem não ter pressa. Que diabo, podiam ter andado atrás dele o dia inteiro, ou até mais.

Tinham passado cinco anos. Porquê agora?

Não havia maneira de voltar ao apartamento. Nem agora, nem naquele veículo. Mas teria de o fazer. Porque no apartamento, por trás de uma parede falsa, encontrava-se a única coisa no mundo que o poderia proteger do que estava para vir.

Ou talvez não fosse verdade. Se vinham atrás dele agora, passado tanto tempo, talvez já nada pudesse salvá-lo.

Os edifícios de ambos os lados da rua eram agora mais baixos e mais espalhados, à medida que se aproximava dos limites da cidade. Não podia levá-los a Nika. Esperava que ainda não soubessem da existência dela. A sua única possibilidade seria tentar despistá-los no deserto gelado fora da cidade e, depois, regressar e desaparecer. Mas desaparecer para onde? Tyumen já parecia ser o fim do mundo — se o tinham conseguido encontrar ali...

De qualquer forma, pensou, regressando ao perigo imediato, despistá-los não seria o suficiente.

Estendeu a mão livre e abriu o porta-luvas de onde retirou um revólver compacto *Smith & Wesson Governor*, envolvido em duas camadas de pano. Estava carregado com seis balas ACP de calibre .45. Sacudiu o pano para libertar a arma e poisou-a no assento do passageiro.

Carregou um pouco mais no pedal ao passar pela estação de serviço, o último edifício nos limites oeste da cidade de Tyumen. A autoestrada E22 abria-se diante de si. Rodeavam-no, de ambos os lados, campos gelados, cobertos por um manto de neve. A cidade parecia ter ficado para trás havia muito. Viu moradias pequenas e os locais abandonados das antigas quintas coletivas soviéticas surgiam aqui e ali, incluindo uma que ele conhecia, fora da estrada a cerca de 6 quilómetros da cidade. Até certo ponto, achava que tinha ficado com o local em mente no caso de surgir uma situação como aquela. Era como o frio, pensou. Era impossível não o incluir nos pensamentos, mesmo de forma subconsciente.

Os faróis do outro carro seguiam-no a pouco mais de um quilómetro de distância na estrada reta, sem acompanharem a sua velocidade. Não precisavam de o fazer. Tinham todo o tempo do mundo.

Havia uma inclinação pronunciada na estrada um pouco mais à frente. Lançou um breve olhar para a forma escura e chata sobre o assento do passageiro e arriscou aumentar um pouco a velocidade depois da descida.

As luzes pestanejaram no retrovisor ao chegar à descida e viu o cruzamento para a quinta 50 metros à direita. Não planeava despistá-los. Mesmo que não tivessem localizado o jipe, seria óbvio que teria virado para ali. Mas não precisava de os despistar. Tinha apenas de conseguir ganhar mais algum tempo.

Abrandonou para o cruzamento, sentindo os pneus pesados deslizarem um pouco quando meteu pela outra estrada. Aguentaram. Mais adiante havia um conjunto de celeiros e os escuros edifícios da quinta. Conhecia-os mais de memória que de vista. As estruturas escuras registavam-se como uma irregularidade menor, perturbando levemente o alinhamento do céu contra o horizonte. Parou ao lado de um dos edifícios e saiu, deixando o motor a trabalhar e os faróis ligados. Bateu com a porta e correu a esconder-se atrás do celeiro. Lembrou-se imediatamente que deixara o gorro e as luvas no jipe. Não tinha importância. As luvas eram tão grossas que nem conseguiria enfiar o dedo no anel que protege o gatilho e muito menos de disparar com precisão. Além do mais, ele não teria possibilidades de morrer congelado. Ou voltaria em breve para o jipe com o aquecimento no máximo, ou nunca mais teria de se preocupar com o frio. Ouviu as mudanças do outro veículo, quando este saiu descansadamente da estrada principal e começou a aproximar-se.

Seguiu para o lado oposto do celeiro, deu a volta e baixou-se para poder vigiar o caminho de acesso. Gostaria de saber se aqueles edifícios estavam tão vazios quanto pareciam e concluiu que sim, dado que não houvera sinal de vida quando ali chegara. O lado do celeiro estava exposto a toda a força do vento e a temperatura, que pensara ter atingido o limite mínimo, baixara também. Estariam uns 25 °C negativos. Tinha as mãos e o rosto completamente dormentes. Teria de confiar nas articulações dos seus dedos; acreditar que elas fariam aquilo que o seu cérebro lhes ordenava, embora não as sentisse mexer. Ao menos tinha o casaco. Por fim, apareceram os seus perseguidores, que estacionaram a uma curta distância atrás do jipe. Conduziam um *Mitsubishi Outlander* prateado. Talvez demasiado novo

e brilhante para se adaptar ao ambiente, tal como as botas. Teve esperança que pensassem que ele se mantivera dentro do jipe, mas sabia que seriam cautelosos. Os dois homens do bar saíram do *Mitsubishi*, com as armas em punho. À luz dos faróis viu que usavam luvas táticas de inverno, ultraleves. Desejou estar tão bem preparado como eles.

Mantiveram-se junto ao veículo por um instante, cumprindo o protocolo, examinando a zona. Nesses breves instantes, teve-os em desvantagem. Claro que sabiam que ele estava algures, por ali, mas ignoravam se no interior do jipe ou escondido dentro ou junto a um dos edifícios da quinta. Escolhera aquele local porque havia ali vários esconderijos potenciais. Podia estar em três ou quatro lugares, mas eles eram apenas dois para o procurarem.

O par parecia idêntico nas suas roupas de inverno. O que saía do lugar do condutor acenou ao parceiro, fazendo um sinal mudo. Começou a aproximar-se do jipe, com a arma apontada, enquanto o outro cobria os edifícios em volta em movimentos suaves, que se alternavam, confundiam, sem se deterem mais do que dois segundos em cada direção.

Era tempo de arriscar.

Revelou-se no momento em que o segundo homem se voltava. Ergueu o revólver e disparou, com intenção de o abater com um tiro na cabeça. A arma deu um coice. Com o frio quase não o sentiu. O homem caiu, mas não parecia ter sido atingido na cabeça. Talvez a bala lhe tivesse apenas raspado no ombro.

Não havia tempo para o confirmar, deu meia-volta enquanto o outro homem girava depois de se ter aproximado do jipe baixando-se e pondo imediatamente um joelho em terra. Ele já o esperava. Baixara o cano do revólver para puxar o gatilho mais duas vezes. Dessa vez foi um bom tiro. Duas balas .45 no peito. O homem caiu.

Voltou-se para o primeiro que abatera, mas tarde demais.

Antes de sentir a bala, apercebeu-se do relâmpago saído do cano da arma, vindo da direção do homem deitado. Não houve dor, apenas um impacto agudo do lado direito. Continuou em ação e apertou o gatilho uma e outra vez, enfiando as últimas três balas no corpo do homem estendido no chão.

Deixou cair a arma e desabotoou o casaco, com os dedos demasiado dormentes para o fazer como devia. Meteu a mão lá dentro e sentiu o rasgão da roupa e depois a ferida. Não precisava de a ver para saber que

era má. Dizia-lho a quantidade de sangue que lhe escorria para os dedos. Com a mão esquerda fez pressão no buraco e dirigiu-se para o jipe, perguntando-se a si próprio se conseguiria sobreviver à ida para o hospital.

Mas depois começaram os seus verdadeiros problemas.

Ouviu ao longe o bem conhecido ruído de outro motor a abrandar para virar no cruzamento. Olhou para a autoestrada e viu os faróis de outros dois veículos que viravam na estrada de acesso. Distintamente com faróis triangulares.

Pressionou a ferida e começou a correr o mais depressa que pôde em direção ao campo aberto. Já não pensava. Sabia apenas que não podia esperar e lutar, pois estava desarmado e ferido. Talvez tivesse ainda tempo de fugir, dando a volta até à estrada principal, enquanto os outros o procuravam. Talvez tivesse sorte e um carro parasse para o acudir antes que morresse congelado.

A neve parecia pó sob os seus pés e dificultava ainda mais os seus tropeções. Não sabia se deixava atrás de si um rasto de sangue, mas estava demasiado enfraquecido para o verificar. Se parasse para olhar para trás, provavelmente não conseguiria mexer-se de novo. Respirava com mais dificuldade e o ar gelado dilacerava-lhe os pulmões quando inspirava. Sentia a pulsação na cabeça. Sabia que o seu coração batia acelerado, o que era mau para a perda de sangue. Mas se conseguisse continuar, talvez se salvasse.

Depois ouviu os cães.

Latidos frenéticos, o bater rápido das patas na neve. Voltou-se enquanto dois *dobermanns* pretos se aproximavam rapidamente dele. O maior saltou primeiro deitando-o facilmente por terra. Um par de mandíbulas fechou-se em redor do seu pulso esquerdo, logo seguido de outro em redor de um tornozelo. Mais uma vez, não sentiu verdadeiramente dor, apenas pressão. Perdeu de novo a noção do tempo, ali deitado na neve a olhar para o céu negro, escutando o rosnar gutural dos cães. Poderiam ter passado segundos ou talvez dez minutos quando ouviu a voz. Desta vez as palavras foram em inglês.

— Bela corrida. Mas agora acabou.

A fonte da voz parecia vir de cima dele. Como os seus predecessores, usava um casaco e luvas táticas. E também óculos. Não lhe reconheceu o rosto, mas não queria dizer nada. Sabia exatamente quem era o homem e porque ali estava.

Ouviu um assobio e um clique quando o tratador dos cães falou com eles e mandou que o soltassem. Não se moveu. Esgotara todas as reservas.

— Acabe com isto — disse.

Um breve sorriso cruzou os lábios do homem de óculos, para logo desaparecer.

— Depois. Já sabe o que queremos primeiro.

— Vá para o inferno.

O homem de óculos olhou-o fixamente por um momento, depois encolheu os ombros e acenou a um dos outros. Pelo som, seriam pelo menos três. O outro, mais alto, apareceu no seu campo de visão, segurando um telemóvel. Acocorou-se e voltou o ecrã de modo a que ele o pudesse ver. A princípio não conseguiu perceber de que se tratava, mas depois apercebeu-se da imagem de um vídeo. Incidindo sobre cabelo louro. A câmara moveu-se um pouco e uma mão afastou o cabelo para revelar um rosto.

O ar prendeu-se-lhe na garganta.

Nika.

Tinha os olhos fechados e as lágrimas brilhavam-lhe nas faces. A câmara mostrou então que ela tinha o cano de uma arma encostado à têmpora.

O homem de óculos acocorou-se também, olhou primeiro para o ecrã, depois para ele e ficou à espera.

Ele gritou obscenidades, tentou levantar-se do chão mas o homem mais alto impediu-o com toda a facilidade, pondo-lhe a sola da bota sobre o peito quando ele tentou erguer-se. Mas depois disse-lhes. Disse-lhes tudo. Não por pensar que se poderia salvar, mas porque talvez pudesse salvar Nika.

O homem de óculos escutou e acenou com a cabeça.

— Obrigado.

— Agora, deixem-na ir. Ela não sabe nada...

O homem de óculos estendeu a mão enluvada e o outro passou-lhe o telemóvel.

— Ortega?

A voz fina do homem que apontava a arma a Nika atravessou a coluna do telemóvel.

— Afirmativo.

— Podes matá-la agora.

Ele gritou ao ouvir dois tiros rápidos através do telefone. Lutou contra a bota que lhe oprimia o peito até ver o cano da arma escancarado diante dos olhos.

Seguiu-se uma explosão de luz, e depois nada.

UM MÊS MAIS TARDE
QUARTA-FEIRA,
6 DE JANEIRO

1

SUNNYVALE, CALIFÓRNIA

Abri de repente os olhos e, por um momento, pensei que ainda estava a correr.

Pestanejei várias vezes para enxergar onde estava: a cama do hotel, as cortinas abertas, a luz do céu azul inundando o quarto. Levei um segundo a aperceber-me de que a ilusão da corrida era causada pelo facto de ter a respiração acelerada por causa do sonho.

Sentei-me na cama. O quarto do hotel tinha a temperatura controlada quase na perfeição, mas senti frio quando a roupa de cama deslizou e expôs ao ar a parte superior do meu corpo encharcada em suor. Respirei fundo pelo nariz várias vezes e desejei que os meus batimentos cardíacos descessem a um nível mais clinicamente aprovados.

Depois de ter controlado a respiração e a pulsação, dei a mim próprio uma pancada diagnóstica na cabeça. Uau! Havia tempo que não tinha um sonho como aquele. Desde o rescaldo de Los Angeles. Perguntei a mim mesmo se a proximidade não seria um fator. Ainda não estivera tão próximo de LA desde então e, embora ultimamente tivesse estado demasiado ocupado para pensar no assunto, pelos vistos, o meu subconsciente encarregara-se do assunto.

O meu trabalho é encontrar pessoas que não querem ser encontradas. Geralmente alguém contrata os meus serviços, mas abriu uma exceção para este caso. Em Los Angeles, um assassino em série, batizado com o nome de «Samaritano» pelos meios de comunicação social, raptara e matara mulheres que conduziam sozinhas. Parte dos pormenores da investigação que haviam chegado aos meios de comunicação social fizeram-me lembrar Dean Crozier, um homem com quem eu trabalhara anos antes. Pertencêramos a uma muito secreta e muito eficaz organização de espionagem militar que arranjava trabalho com fartura para os nossos respetivos talentos. Era do meu maior interesse manter-me fora da órbita dos nossos mútuos ex-patrões, por isso, oferecer os meus

serviços à Polícia de Los Angeles não fora uma decisão fácil. Mas acabara por ser a única decisão. Os meus receios vieram a confirmar-se: Dean Crozier era o Samaritano e não fui só eu a fazer a ligação.

Recordo-me do homem de óculos. Do seu olhar frio, de arma em punho, imperturbável. Um rosto desconhecido. Mas ele sabia quem eu era.

Talvez as coisas tenham mudado, dissera.

Porém, escapara a essa situação e, desde aí, as coisas haviam estado calmas. Só que, até certo ponto, eu continuava à espera da pancada.

O suave ruído de um relógio de cuco soou ao mesmo tempo que a vibração do meu telemóvel, subindo gradualmente de tom. O meu despertador. Voltei-me e retirei-lhe o som.

Tomei duche, fiz a barba e vesti-me para a reunião. Um fato assertoado, antracite, da *Brooks Brothers* e uma camisa de tecido fino. Guardei o portátil e deixei o quarto conforme o encontrara. Desci as escadas até ao rés do chão, agarrei num dónute do bufete do pequeno-almoço e saí.

Já na rua, o céu parecia-me ainda mais azul. Um dia frio, pelos parâmetros da Califórnia, mas não sou do tipo de me queixar do termómetro a 10°C em janeiro. O ar fresco aliviou-me a aborrecida dor de cabeça deixada pelo sonho e fiquei à espera que as imagens que continuava a ter diante dos olhos também desaparecessem. Havia uma fila de três táxis estacionados diante do hotel e meti-me no primeiro. Disse ao motorista o meu destino: Moonola House. Antes de lhe poder dar a direção, acenou com a cabeça e meteu-se à estrada. Calculei que os motoristas de táxis de Silicon Valley estivessem habituados a transportar clientes dos hotéis para uma das muitas companhias tecnológicas.

Abri imediatamente o portátil e deitei outra olhadela aos documentos que consultara e que pertenciam à empresa que ia visitar. Parecia-me um trabalho simples, mas é o que todos parecem a princípio. Tive tempo de ler uns artigos acerca da Moonola nas revistas de referência e outro no *New York Times* antes de chegarmos ao bairro do meu destino.

A zona era semelhante a um campo universitário do futuro, talvez daqui a 20 anos, dispendiosamente desenhado. Relvados impecavelmente cuidados e árvores de folhas. Os edifícios eram estruturas avançadas de dois ou três andares com vidro fumado e exteriores em aço, muito deles com esculturas elegantes ou fontes no exterior. Quase nenhum apresentava uma coisa tão pirosa como o número da porta ou uma

placa para identificar a empresa. Pelo contrário, vi muitos logótipos, monogramas artisticamente compostos e coisas do género. O motorista apontou nomes meus conhecidos como *Yahoo!* e *Google* quando passámos pelos edifícios. Senti-me agradecido por ele saber para onde ia, pois eu teria tido dificuldade em me orientar naquele labirinto de hieróglifos. O meu trabalho requer que eu seja bom a encontrar coisas, mas tenho os meus limites.

Ora aqui está o exemplo: a empresa que procurava tinha o nome de Moonola. O edifício era um prédio comprido de vidro e aço que se distinguia dos outros apenas pela imagem de banda desenhada com uma vaca a sorrir. Gastei uns segundos a tentar perceber a relação entre o logótipo e o nome, antes de perceber que se calhar estava a preocupar-me mais do que os elementos da equipa de marketing.

— É aqui? — perguntei, quando o motorista se deteve no fundo do caminho de lajes negras que conduzia à entrada do edifício.

— Hum-hum — respondeu afirmativamente, conferindo o taxímetro e informando-me do preço da corrida.

— Não parece ser daqui — afirmou quando lhe entreguei o dinheiro.

— Serei velho demais? — perguntei, imaginando que a média de idades dos gurus do software seria provavelmente os 22 anos.

— Mais bem vestido do que é costume.

Olhei para o meu fato. Mesmo com o meu hábito de andar sem gravata o homem tinha provavelmente razão.

Percorri o caminho, reparando ter sido constantemente vigiado pelas câmaras de segurança. A entrada era uma porta dupla de vidro, com o motivo da vaca reproduzido sobre os painéis. Era uma imagem agradável, embora o efeito fosse um pouco deteriorado pelas câmaras e pelo aviso de que todos os visitantes teriam de ser identificados, todos tinham de passar o cartão e nada de tentarem passar duas pessoas de cada vez. Havia um intercomunicador. Carreguei no botão e uma voz feminina atendeu imediatamente.

«Moonola, em que posso ajudá-lo?»

Disse-lhe o nome e que tinha uma reunião marcada com John Stafford e ela abriu o trinco. Entrei para um pequeno vestíbulo com um lança de escadas para o primeiro andar. As escadas estavam cobertas por uma passadeira e o local tinha um vago cheiro a novo. Como a memória recente de madeira cortada e tinta fresca. No cimo das escadas havia

outra porta fechada, embora esta tivesse uma janela para a recepção que permitia que a rececionista me visse. Acenou-me com a mão e ouvi um clique quando ela abriu a porta. A recepção era outra sala pequena e de teto baixo, sem janelas. A rececionista era loura, teria cerca de 25 anos e usava uma blusa preta. Estava sentada atrás de uma secretária alta.

Recebeu-me com um sorriso, mas antes que ela pudesse dizer o que quer que fosse, ouvi uma voz abrupta à minha direita.

— Carter Blake?

Voltei-me e vi outra porta que levava ao interior do edifício. Um homem baixo, de calças de ganga e uma t-shirt dos Led Zeppelin. Tinha uma fita ao pescoço com um cartão branco, que concluí ser um cartão de segurança, mas voltado ao contrário. Tinha cabelo escuro, óculos e uma daquelas pequenas moscas por baixo do lábio inferior.

— Sou eu — respondi. — É o Sr. Stafford?

John Stafford era o nome que me tinham dado. Não o identificara quando o ouvira na noite anterior, mas uma pequena pesquisa no *Google* revelara-me que era um jovem muito entendido em software. Nada que se parecesse com Mark Zuckerberg, pelo menos por enquanto, mas que talvez no próximo ano aparecesse na capa da *Wired* e um ano depois na da *Forbes*.

O rapaz da mosca suspirou, talvez por estar habituado mas mesmo assim um pouco ressentido por ser definido pela sua associação com Stafford.

— Sou o Gregg. O John está lá em cima. Venha comigo.

Já se tinha voltado para sair quando a rececionista lhe chamou a atenção em voz aflautada.

— Ele precisa de um cartão de visitante.

— Ainda não lho deu?

— Ia agora...

— Dê-lhe o cartão, Hayley.

Troquei um olhar breve de entendimento com Hayley, enquanto ela me indicava onde assinar o impresso, para depois me entregar um cartão vermelho, tipo cartão de crédito que metera numa bolsa ligada à fita para eu pôr ao pescoço. Peguei nele e agradeci.

— A segurança primeiro que tudo — afirmei.

Greg soltou uma exclamação de desprezo.

— Sim. De muito nos serviu.

Saí atrás dele, percorremos um longo corredor, passámos por mais uma porta de segurança e descemos um lanço de escadas. Os decoradores tinham certamente sido pagos para tratarem apenas das zonas expostas ao público. À medida que seguíamos para a parte mais interior do edifício, este mostrava-se mais funcional do que formal: não havia tapetes, as paredes eram de betão, a iluminação corrida a Led. Ali em baixo, aquilo parecia um bunker. E suponho que, de certo modo, o fosse.

Passámos por várias portas e consegui ouvir um leve ronronar como o dos motores de um navio de cruzeiro. George viu-me a olhar e acenou com a cabeça para uma das portas.

— Não é tudo nosso. Temos aqui cerca de duas dezenas de empresas.

— Há uma sala para cada uma?

— Para as grandes, sim.

Atravessámos outra porta de segurança e, pelas minhas contas, passámos o cartão pela quinta vez. Entrámos então num espaço pouco maior do que uma cabine telefónica. Greg esperou que a porta que usáramos se fechasse com um estalido.

— Não podemos abrir a porta seguinte senão quando a primeira se fecha. Esta é a zona de maior segurança. Nesta sala a seguir só há servidores da Moonola.

— Faz ideia para onde ele possa ter ido? — perguntei, para preencher o tempo.

Não pareceu impressionado.

— Não é para isso que está aqui?

Não respondi. Uma luz verde seguiu-se a um estalido no último painel e Greg passou o seu cartão.

Entrámos na sala dos servidores da Moonola. Era difícil calcular as dimensões do espaço porque para onde quer que eu olhasse havia numerosas gaiolas fechadas da altura de frigoríficos enormes. Dentro de cada gaiola encontravam-se os servidores. O ruído era aqui muito superior de modo que não consegui ouvir as palavras que Greg disse a seguir. Deitei-me a adivinhar e calculei que fosse qualquer coisa sem interesse de maior. A temperatura era aqui notoriamente mais elevada, apesar das saídas dos aparelhos de ar condicionado que sopravam no teto contribuindo para o barulho. Despi o casaco, pu-lo no braço e segui Greg.

Voltámos várias esquinas e penetrámos mais no coração do labirinto. Não pude deixar de pensar que aquilo me parecia um pouco anacrónico;

todas aquelas caixas de lata ronronando em segredo por trás de aparelhos esguios e brilhantes que já damos como certos hoje em dia. No momento a seguir chegámos ao que calculei que fosse o nosso destino.

Um homem de costas, com uns calções de skate cor de caqui e um polo, encontrava-se diante de um cacifo. Estava a escrever no teclado de um computador portátil de grandes dimensões que parecia ter deslizado para fora da secção da torre do servidor ao nível da cintura. Greg chamou-o, mas a sua voz foi abafada pelo barulho. Ele estendeu a mão e tocou no ombro do homem, mas ele ignorou-o, acabando de digitar o que raio fosse no teclado. Dez segundos depois, carregou na tecla *Enter*, baixou a tampa do portátil e fê-lo deslizar para o seu lugar. Fechou a porta de grades diante da torre e deu a volta à chave antes de a meter no bolso. Só nesse momento se voltou para falar connosco.

Reconheci-o das fotografias que vira no site e em muitos artigos que lera acerca da empresa. Exceto que em todas elas mostrava um largo sorriso aceitavelmente arrogante. Agora não sorria. O brilho confiante dos seus olhos azuis era aquilo que se notava nas fotografias, logo a seguir ao sorriso, mas hoje era a primeira coisa que sobressaía. Só que parecia diferente — ferido mas cheio de intenções. As sobrancelhas frondosas e escuras uniam-se sobre os seus olhos. Quando se dirigiu a mim, de mão estendida, a cabeça rapada cintilava sob as luzes fluorescentes. Apertei-lha.

— John Stafford.

— Carter Blake — respondi. — O que deseja da minha pessoa?
Ele respondeu sem hesitar.

— Quero os tomates daquele filho da mãe. Na minha secretária.

2

SUNNYVALE, CALIFÓRNIA

Já tive clientes cujas palavras teriam de ser entendidas literalmente, ao formularem um pedido assim, mas tive a certeza de que John Stafford tinha recorrido a uma hipérbole.

— Receio que não esteja incluído no serviço.

— Vamos conversar lá em cima — disse Stafford, sem sorrir.

Cinco minutos depois estávamos de novo no primeiro andar. Livres do ruído, do calor e dos tubos de luzes LED. De volta ao design caro e ao cheiro a novo. A vista do gabinete de Stafford dava para as copas das árvores da parte da frente do edifício. No regresso da sala dos servidores conseguimos escapar de Greg, de modo que éramos apenas os dois para discutir os termos do trabalho.

Stafford sentou-se atrás da já mencionada secretária: uma peça de vidro laminado equilibrada em pernas de aço que suportava o peso de três ecrãs dispostos em redor de um teclado fino e sem fios. Um cenário demasiado elegante para o pedido que me fizera minutos antes. Era um pouco mais velho do que eu calculara pelas fotografias: 30 e poucos anos, talvez. Não *velho*, velho, mas não exatamente o franganito que se espera naquele tipo de trabalho. Desviou os olhos da minha pessoa para observar os ecrãs, depois voltou-os para a janela e suspirou. Refleti sobre a sua reação à minha pergunta inicial. Percebi que para ele era uma frustração ter de dizer a outra pessoa o que queria que fosse feito. Os técnicos são por vezes assim — habituados a resolver os seus próprios problemas, deslumbrando os leigos com o seu domínio das artes ocultas da codificação, da pirataria informática ou o que quer que seja.

— Chama-se Scott Bryant — disse no minuto seguinte. — É um dos meus programadores seniores. Há 18 meses que aqui trabalha. Ontem à noite entrou no centro de armazenamento de dados, que o senhor acabou de visitar, e gravou numa *pen* um software muito confidencial e valioso que me pertence. A partir daí nunca mais ninguém o viu.

— E quer que o localize para que ele lhe devolva a *pen*.

— Para que eu possa reaver o futuro da minha empresa, Blake.

— Experimentou fazer queixa à polícia? — É uma pergunta que faço geralmente. Muitas vezes retórica, mas não neste caso.

— Claro. Enviaram um carro ao apartamento dele, mas claro que já tinha desaparecido. Tecnicamente é procurado e farão os possíveis para o apanhar. Sabe o que isso quer dizer?

— O mesmo que quando dizem ao dono de uma casa assaltada que vão tratar do assunto.

— Exatamente. Não fazem nada. Não se importam porque não são pagos para se importarem.

— E é por isso que vai pagar-me para que eu me importe, suponho.

— Espero que sim. Queria o melhor e surgiu o seu nome.

— Tudo bem. Vai pagar-me para que eu me importe, portanto, porque não começa por me falar do seu software? Para começar, até que ponto é urgente. O Brian estará a pensar fazer o upload para a Internet? Porque se assim for...

Stafford abanou a cabeça, impaciente.

— Não, não se trata de um caso tipo Ed Snowden. Trata-se de dinheiro. Se ele o tornar público deixa de ter valor.

Assenti.

— Então, vai precisar de arranjar um comprador ou de se encontrar com ele no caso de já o ter arranjado.

— Exato.

— Então de que se trata? O que foi exatamente que ele roubou?

Hesitou, como se lhe fosse necessário fazer um grande esforço para discutir o assunto com um estranho.

— Chama-se *MeTime*. Vai revolucionar as redes sociais. Pense na sua página de *Facebook*. Se...

— Ainda não cheguei ao *Facebook*.

Deteve-se e olhou para mim como se eu tivesse saído de um OVNI.

— Mas sabe o que é, não é verdade?

— Claro, trata-se de um sistema de identificação eletrónico que permite carregar fotografias de comida.

Pela primeira vez, esboçou um sorriso.

— Isto vai dar cabo do *Facebook*. Vai fazer com que pareça um jornal de papel.

— Será então potencialmente lucrativo.

— Isso mesmo.

Começou a explicar-me como o seu software era único e especial. Primeiro, num modo razoavelmente inteligível, antes de descer ao jargão tecnológico. Deixei de lhe prestar atenção. Ouvia e sentia o ruído dos vários servidores vindo dos níveis inferiores, o que me recordou do pensamento que tivera anteriormente. Apontei para o teto, na direção oposta.

— Pensei que hoje em dia estivesse tudo na nuvem.

Stafford abanou de novo a cabeça.

— Se tivéssemos armazenado isto numa nuvem privada não teria sido necessário um trabalho interno, Blake. Qualquer *hacker* chinês tê-lo-ia obtido há seis meses. O físico é ainda o melhor em termos de segurança.

— Mas todos os sistemas têm as suas vulnerabilidades.

— Correto.

Recostei-me na cadeira.

— Preciso do registo completo do seu empregado, empregos passados, mais qualquer outra coisa que tenha sobre ele.

— Claro.

— Conhecia-o bem?

Encolheu os ombros.

— Tão bem como qualquer outro da equipa. Era sossegado. Não quero dizer que fosse antissocial. Isto é, ia beber umas cervejas de vez em quando.

Stafford calou-se e refletiu um pouco mais. Percebi que seria capaz de recitar de cor as capacidades de programador de Bryant ou quais haviam sido as suas três maiores falhas no último ano e meio. Mas era difícil ter de o considerar como homem e não como empregado.

— Solteiro, creio. Ou... espere. Uma vez falou na mulher. — Deteve-se com um esforço visível para recordar os pormenores. — Ex-mulher, talvez?

— Ela vive aqui perto?

Stafford ergueu as mãos, derrotado. Fiz uma nota mental para averiguar aquilo.

— Muito bem. Pensemos no software. Quem são os potenciais clientes? Calculo que rivais seus?

Stafford descontraíu-se visivelmente, já num terreno mais confortável.

— Posso fazer-lhe uma lista. Podemos limitá-los. Provar alguma coisa é outro assunto.

— Ótimo. Arranje-me isso e os registos da companhia o mais depressa possível para que eu comece a trabalhar.

— Fechamos então o negócio?

— Só uma última pergunta. O que quer que lhe traga? O software ou o Scott Bryant?

Fez uma pausa, refletindo na pergunta.

— Preciso dos dois, Blake. Ele tem de pagar por isto. — Acenou com a mão para abranger simbolicamente o edifício. — Tenho aqui mais de 30 pessoas cujos empregos dependem disto e o Bryant traiu-nos.

Recostei-me e refleti sobre o assunto.

— Compreendido. O importante é estabelecer as regras de base desde o princípio. Agora estas são as minhas. Recebo metade do dinheiro à partida e a outra metade na entrega.

— Não há problema.

— A segunda é a mais importante: trabalho sozinho. Assim que me contratar para encontrar o Scott Bryant é como vai ser. Volto se precisar de alguma coisa de si, mas de contrário deixa-me em paz.

— Preciso que me atualize com regularidade.

Fez deslizar um cartão elegante pela secretária de vidro. Peguei nele e meti-o no bolso.

— Claro. Mas eu ligo-lhe. A última regra: faça as coisas à minha maneira, o que significa que confia em mim para que dê os passos razoavelmente necessários para completar a tarefa.

— Fico satisfeito por... estas decisões estarem a ser tomadas numa base de só comunicarmos se for estritamente necessário — disse Stafford um momento depois.

Sorri.

— Não se preocupe. Não creio que seja necessário quebrarmos muitas regras, mas nunca se sabe e é por isso que esta é importante. Não quero sobrecarregá-lo com pormenores e o senhor não me pergunta como consegui os resultados.

Stafford assentiu.

— Mais nada?

— Mais nada.

Então vamos começar.

3

NOVA IORQUE

Emma Faraday acenou para cumprimentar o porteiro que se pôs em sentido ao vê-la aproximar-se. Passou pela porta aberta e olhou primeiro para a esquerda e depois para a direita. Hank, o motorista, estava estacionado junto ao passeio, a 20 metros da porta. Era baixo, careca e tinha mais de 60 anos. Ele tinha-a visto sair do edifício e a porta de trás da limusina negra já estava a abrir.

Ela instalou-se nos assentos de couro e apertou o cinto de segurança enquanto Hank penetrava no trânsito. Normalmente falador, Hank pareceu pressentir que aquele não era um dos dias em que a patroa queria conversar. Esta meteu a mão na mala em busca do seu *Surface Pro*. Desligou o teclado, colocou o tablet no colo e ligou-o. Um segundo depois, tinha mais uma vez o ficheiro no ecrã. Consultara-o inúmeras vezes nos últimos nove meses e ainda com maior frequência nos últimos 11 dias.

O ficheiro oferecia a história parcial de um indivíduo específico. Os registos eram minuciosa e talvez obsessivamente detalhados até novembro de 2010. Depois disso tinham sido selecionados de numerosas fontes, mas menos cuidadas. Notícias. Perguntas feitas a potenciais testemunhas. Imagens pouco nítidas, retiradas de câmaras de segurança.

Faraday tocou várias vezes no ecrã e navegou para a biblioteca de fotos. As fotografias estavam dispostas por uma rigorosa ordem cronológica e ofereciam uma narrativa pictórica do modo subtil como o sujeito mudara através dos anos. Expressão, postura, comprimento do cabelo, barba, óculos presentes e ausentes. Tudo flutuava de imagem para imagem, exceto os distintos olhos verdes que eram os mesmos da primeira à última fotografia.

Um suave *ping* alertou-a para uma nova mensagem de e-mail. Tocou duas vezes no ecrã e a imagem do sujeito foi substituída pela sua muito segura caixa de entrada. Excetuando o e-mail mais recente, a caixa estava completamente vazia, tal como ela gostava.

O e-mail era de Murphy confirmando que tudo estava no bom caminho para a operação daquela noite. A localização preliminar do sujeito fora confirmada e verificada. Desejava apenas que pudessem ter tanta certeza do paradeiro do outro sujeito. O que constava do seu ficheiro.

Respondeu ao e-mail com um simples «Ok», arquivou-o e fechou a janela da caixa de entrada.

A fotografia do sujeito apareceu de novo no ecrã. A mais recente da Direção Geral de Viação, sob um novo nome. Quando Hank travou num sinal vermelho, o som de um súbito impacto obrigou-a a afastar os olhos do ecrã e olhar para a rua. Um reboque na faixa ao lado batera na traseira de um *Ford* azul. Viu o condutor sair, gritar zangado com o motorista do reboque e depois abanar a cabeça quando uma sinfonia de buzinelas o obrigou a entrar de novo no carro e seguir, relutante, deixando aquilo por conta da experiência.

Olhou de novo para o ecrã, pensando no que aconteceria assim que a bola começasse a rolar. Tinham uma série de múltiplos planos, como uma fórmula, a partir do resultado da operação dessa noite. Se acontecer o A, implementam o X. Se acontecer o B, será o Y e o Z. Cursos de ação separados, ramificados e com sequelas próprias. Em teoria, haviam coberto todas as bases. Mas sabia por experiência própria que o elemento humano supera sempre a teoria. O que poderia dar para os dois lados.

Murphy começava a desconcertá-la um pouco naquela operação. Parecia mostrar um interesse invulgar, preocupar-se um pouco mais do que era habitual. Supunha que a explicação poderia ser o facto de ter trabalhado com o homem daquele ficheiro. Havia ali uma inevitável dimensão pessoal que a fazia sentir-se pouco à vontade. Mas, por outro lado, tornava Murphy particularmente valioso para a operação.

Até certo ponto, Murphy tornara-lhe as coisas mais fáceis do que poderiam ter sido, quando ela fora trazida havia um ano para dirigir a organização. A mudança de pessoal fora feita em circunstâncias infelizes — o anterior diretor suicidara-se depois de lhe ter sido diagnosticado um cancro terminal — e fora decidido que seria necessária uma maneira completamente nova de ver as coisas.

As chefias do Departamento de Defesa começaram a questionar o véu de secretismo lançado sobre tantas operações da organização, embora parecessem suficientemente satisfeitas com os resultados. A organização era uma *caixa negra*. Uma entidade definida por entradas e saídas, sem

que ninguém pudesse ver o seu trabalho interno. Instruções de um lado, resultados do outro. Faltavam os pormenores do que se passava no meio e era isso que punha as pessoas nervosas.

Assim, Faraday fora silenciosamente importada da CIA. O seu currículo na agência, incluindo um período impressionantemente livre de desgraças como chefe de posto em Bagdade, dava-lhe as habilitações, os antecedentes e as credenciais para o lugar de diretora. Sabia igualmente que o facto de não ter dependentes e manter as suas relações românticas breves e completamente isoladas do trabalho tinha jogado a seu favor.

Não que a transição tivesse sido fácil. A organização era a mais fechada das lojas fechadas até àquele ponto, gerida como um feudo pessoal, tanto quanto as Forças Armadas americanas o permitiam, por um único homem desde os anos 1990. Mas fora aí que Murphy se mostrara útil. Provara ser um braço direito capaz, acalmando potenciais dissidências entre os homens e traduzindo de vez em quando as ordens mais controversas emitidas por ela para uma linguagem mais digerível. Livre para se concentrar na panorâmica geral, Faraday começara com um único objetivo: manter o que funcionava bem e pôr de parte, sem dó nem piedade, o que não dava resultado. Um ano depois estava satisfeita com os progressos. A operação dessa noite daria início ao trabalho de cortar um dos últimos laços que ainda restavam do passado.

Porque se sentiria então tão pouco à vontade com tudo aquilo?

Hank ligou o pisca e começou à procura de um lugar para estacionar assim que se aproximaram do edifício. Ficava na West 40th e era uma discreta estrutura de vidro e aço com 38 andares, datada dos últimos 15 anos. Não se destacava e certamente não parecia conter a sede de uma organização secreta de inteligência militar, até porque a intenção era exatamente essa.

A organização começara havia mais de duas décadas, numa subcave sem janelas no Pentágono e mudara-se para um bloco de escritórios na Virgínia no final dos anos 1990, onde era mais fácil passar despercebida. Depois do 11 de Setembro a organização olhara para o futuro. Fora criada para ser uma reação ágil e cinética a ameaças emergentes; concentrando-se em reunir as chefias militares e os operacionais da espionagem numa unidade pequena e compartimentada. Esses atributos colocaram a organização numa posição perfeita para se adaptarem ao novo mundo.

Em 2003 mudou-se de novo, desta vez para a sua atual localização. As deslocções físicas em relação à sede do poder pareciam uma metáfora apropriada. Quando Hank estacionou suavemente junto ao passeio, ela consultou de novo o ficheiro. Os olhos verdes fitavam-na da fotografia da Direção de Viação como se se apercebessem do interesse dela.

O sujeito tinha as habilitações ideais para o trabalho que faziam. Era um perseguidor experimentado, um atirador acima da média, apto para o combate corpo a corpo e entendia-se com as pessoas da melhor maneira possível. Era também um pensador estratégico, capaz de responder criativamente à mudança de condições no terreno. Pensador e guerreiro. Carter Blake seria uma aquisição perfeita, se ela estivesse a recrutar.

Mas o mais provável era estar morto nas próximas 36 horas.

4

NOVA IORQUE

A sala de reuniões do 24.º andar do edifício da 40th Street estava sobreaquecida. Esse facto aliado à ausência de janelas levaria a que em pouco tempo os que ali se encontravam se esquecessem que estavam no coração da cidade. Uma permanência um pouco mais prolongada e seria possível esquecerem-se do país em que se encontravam. Dava uma sensação de bunker, sem nada que a distinguisse de salas semelhantes em todos os pontos do globo. Cornell Stark não pôde deixar de pensar se aquilo não seria propositado, dado o assunto da reunião desse dia.

Stark olhou à sua volta. Doze homens reunidos numa sala. Gostaria de saber quantos saberiam porque ali estavam. A única razão que conhecia era o facto de ter feito parte da operação Crozier e de Murphy o ter avisado. Os homens estavam sentados em duas filas de seis, diante de um ecrã pendurado na parede. À primeira vista não pareciam ser o que eram. Para começar, os estilos variavam tanto como os que surgiriam numa reunião de estudantes: de cabeças rapadas a cabelos compridos, de escanhoados a barbas por fazer. A maioria dos homens envergava calças cargo e t-shirts nas cores: preto, azul-escuro ou verde-oliva. Nenhum deles usava um uniforme oficial. Mas um vulgar civil que por acaso abrisse a porta da sala de reuniões e espreitasse lá para dentro não teria dúvidas de que estava a olhar para uma equipa.

Obviamente, não havia a mínima hipótese de alguém ali entrar por simples acaso.

Stark usava botas, calças de camuflado e uma t-shirt preta de ténis e fazia parte do contingente dos escanhoados de cabelo à escovinha. Fizera parte do exército até ao ano anterior e estava ainda a habituar-se àquilo. Não só ao desprezo pelo uniforme e por uma rigorosa apresentação, mas também aos padrões de mobilização. Os longos períodos de ócio seguidos de uma chamada súbita, uma hora após a qual deveria apresentar-se e no pico da sua forma física. As patentes quase nunca eram referidas.

A única pessoa a quem tratavam por outro nome que não o apelido era Faraday. A diretora.

Stark olhou para o relógio. Faltavam quatro minutos para o meio-dia, o que significava que a reunião começaria precisamente dentro de quatro minutos. Murphy era um homem rigoroso. E mesmo que o não fosse, Faraday estaria presente e Faraday fazia Murphy parecer um tipo descontraído e relaxado.

Os outros homens conversavam, à espera de saberem porque se encontravam ali. Uns alardeavam o que haviam feito durante a reserva. Outros especulavam acerca do local para onde iam ser mobilizados. Stark pensou nos denominadores comuns dos 11 homens e de si próprio e concluiu que Murphy os escolhera porque, à falta de melhor descrição, estes eram os homens mais normais da equipa. Nenhum se destacaria numa multidão como aconteceria com Davis, que tinha mais de 2 metros. Estavam todos a conversar à vontade, criando laços.

Criar laços viria a ser importante.

O único que parecia não se adaptar totalmente era Usher. Tal como Stark, estava sentado em silêncio, a observar os outros. Encontrava-se no extremo da primeira fila — o mais diagonalmente possível afastado de Stark. Usava óculos e estava bem vestido, num subtil contraste com os outros. Vestia *jeans* pretos, sapatos macios e uma camisa branca. O civil hipotético que espreguistasse para dentro da sala poderia ter tempo para notar que, de todos aqueles homens, Usher parecia estar à parte. Quando o olhar de Stark se deteve sobre o seu perfil, sentiu-se observado e voltou subitamente a cabeça. Os olhos de ambos encontraram-se. Stark sorriu e ergueu as sobrancelhas, como que a dizer: «Sabes porque estamos aqui?»

A expressão de Usher não se alterou. Desviou o olhar logo a seguir para fitar o ecrã vazio na parede. Usher sabia, concluiu. Usher também estivera em Los Angeles.

Stark dava-se muito bem com alguns homens daquela unidade. Mas tinha dificuldade em gostar de outros. Usher não pertencia a nenhuma das categorias. Era um enigma. Não falava do que quer que fosse que não se relacionasse com o trabalho. E mesmo nesse caso era parco de palavras, comunicando exatamente o necessário, do modo mais eficiente possível. Stark tentara várias vezes conversar com ele e concluía que, apesar de ser um homem esperto, o cérebro de Usher não vinha com o software que permite a uma pessoa interagir normalmente com outras.

A porta da sala de reuniões abriu-se e quando Faraday entrou, seguida por Murphy, aos poucos foi-se fazendo silêncio. Jack Murphy era alto, de ombros largos. Percebia-se a sua postura militar, apesar de usar fato escuro, camisa branca e gravata. Tinha cerca de 45 anos e embora tivessem terminado os seus dias de campo, Stark não tinha dúvidas de que ele seria ainda capaz de se desembaraçar numa situação difícil. Hoje surgiria a versão séria e concentrada de Murphy. Era o tipo de pessoa que podia pagar uma rodada de bebidas e confraternizar com o pessoal num bar, mas sabia transformar-se e projetar a máscara de um frio profissional sempre que necessário. Stark não estava certo qual a personalidade mais verdadeira. Fazia-lhe lembrar um político, o que explicava a razão por que conseguira mudar tão facilmente para o papel de subdiretor. Não que alguém se referisse a ele como tal, claro.

Emma Faraday, pelo contrário, tinha, tanto quanto Stark se apercebia, apenas uma personalidade. A diretora era superprofissional e ia sempre direita ao assunto. Detestava, e não o escondia, a mínima sugestão de levianidade. Desencorajava qualquer tentativa de conversa fiada. Stark ouvira-a a responder a um comentário inocente acerca do tempo com uma expressão arrasadora. No que a ela dizia respeito, tudo o que não tivesse que ver com o trabalho que tinham em mãos era um desperdício de fôlego.

Era mais baixa do que Murphy, media cerca de 1,70 metros. Cabelo castanho claro puxado atrás num rígido rabo de cavalo, blusa azul-escura sob um fato calças e casaco preto. Era também um pouco mais nova do que Murphy, mas, mesmo assim, mais velha do que os restantes. As suas maçãs do rosto proeminentes e os olhos azuis perscrutadores chamariam a atenção mesmo que não fosse a única mulher numa sala cheia de homens. Porém, a testa permanentemente franzida estragava um pouco o efeito. Pensando no assunto, Stark não se recordava de ter visto Faraday sorrir uma única vez desde que assumira a posição de diretora havia um ano.

A conversa morreu de imediato e os homens endireitaram-se nos seus lugares, à espera de serem esclarecidos do porquê da sua presença na sala.

Stark viu Murphy olhar discretamente para Faraday antes de começar a falar. Esta reagiu com um quase impercetível aceno de cabeça.

— Meus senhores — começou Murphy. — Vou direto ao assunto. Não ser recrutados para uma missão para atingir um alvo. E o alvo em

questão é inteligente, é mortífero e conhece os nossos métodos. Não é um trabalho habitual.

— Parece-me bastante habitual — interrompeu Dixon, seguido de risos abafados da parte dos outros. Faraday fixou com um olhar gélido o atrevido texano, mas nada disse.

Murphy fez uma pausa antes de continuar.

— Primeira diferença: como já devem ter reparado, dado que não estão sentados num C-130 neste momento, desta vez trabalharemos dentro do país.

Os homens estavam demasiado cansados para mostrarem grande surpresa, mas do seu ponto de observação, Stark reparou que algumas sobrancelhas se erguiam. Jennings e Abrams trocaram olhares. Estavam sentados ao lado um do outro como era habitual. A sua constituição, o cabelo e as feições semelhantes, levaram a que Faraday os confundisse várias vezes a princípio, o que dera azo à alcunha que ambos detestavam: os gémeos.

— É mesmo a sério? — perguntou Abrams. Se fossem verdadeiramente gémeos, Abrams seria o gémeo mau. Stark tivera de refrear a sua predileção pelo tumulto por diversas vezes.

— Mesmo muito a sério — confirmou Murphy. — Segunda diferença. Disse-vos que o alvo conhece os nossos métodos. Há uma boa razão para isso. Já foi um dos nossos.

Faraday avançou enquanto o ecrã por trás dela se iluminava, mostrando uma fotografia de baixa resolução de um homem entre os 35 e os 40 anos, de fato e óculos escuros. Entrava no átrio de um edifício e a fotografia fora tirada por uma câmara de vigilância. À direita do ecrã apareceu uma fotografia de melhor qualidade, sobreposta à da câmara. Esta era da cabeça e dos ombros. Uma fotografia da carta de condução ou do passaporte. Mostrava aquele que Stark concluiu ser o mesmo homem: cabelo escuro, olhos verdes, uma expressão cuidadosamente neutra, como se não quisesse que o retrato refletisse quaisquer semelhanças.

Faraday nada disse durante uns momentos. Observou os homens sentados, parecendo querer desafiar alguém a pronunciar-se antes de começar. Ninguém reagiu.

— Alguns dos presentes nesta sala sabem de quem se trata. Quanto aos outros, esteve cá antes do vosso tempo. Conhecíamos-lo por outro nome, mas atualmente responde por Carter Blake.

5

NOVA IORQUE

Stark observou Faraday, quando esta fez uma pausa para estudar os rostos dos homens diante de si. Todos a escutavam com atenção, com os olhos concentrados ou nela ou no ecrã.

Stark viu Murphy e Ortega trocarem o mais breve dos olhares. Portanto Ortega também sabia. Fazia sentido. Era um dos homens mais antigos na sala. Talvez, também ele, tivesse trabalhado com Blake. Ortega tinha cerca de um 1,70 metros de altura, era de constituição robusta e mostrava uma cicatriz branca no lado direito do rosto. Stark ainda não trabalhara com Ortega, mas a impressão inicial aconselhava-o a ser cauteloso. Tinha uma piada sempre pronta, mas Stark sentia um leve desespero subjacente aos ditos espirituosos. Parecia ser um homem obcecado por se assegurar que ninguém o enganava.

Logo a seguir, Faraday continuou.

— Blake esteve connosco entre 2003 e 2010, envolvido em ações no Médio Oriente, na América Central, no Corno de África e em outros lugares de que não falamos. Era o clássico especialista em três campos: entrou para a intercetção de sinais, mas rapidamente provou ser mais capaz no campo da espionagem e, além do mais, dava ótima conta de si próprio em combate. Preferia equipas pequenas. — Faraday fez uma pausa para se corrigir. — Para dizer a verdade, as dimensões ideais da sua equipa eram as formadas por uma única pessoa. Parece que ainda é o caso.

Voltou-se para o ecrã e carregou no dispositivo para acionar a série seguinte de imagens, passando-as uma a uma no ecrã. Fotografias de pessoas que Stark não reconhecia. Títulos de jornais que se referiam a gente desaparecida. E, depois, parangonas acerca da investigação do Samaritano pela Polícia de Los Angeles.

— Desde que se afastou em... circunstâncias difíceis, parece ter-se estabelecido como operacional privado. Executa serviços semelhantes aos que executava para nós e oferece-os no mercado em geral.

O homem louro, na primeira fila, pigarreou. Tinha uma constituição mais forte que a de qualquer outro e a sua t-shirt negra esticava-se sobre os seus braços enormes. Stark nunca trabalhara com ele e não se lembrava do seu nome. Algo polaco, talvez Kaminsky?

— Um trabalho semelhante, diretora?

Faraday acenou afirmativamente na direção do homem louro. Não se importava de ser interrompida por uma pergunta, desde que fosse séria.

— Exatamente, Kowalski. É um localizador. Mostra-se disponível para quem precisa de encontrar alguém, pessoas que esgotaram os canais normais ou que estão impedidos de os usar. É exclusivo, caro e trabalha através de recomendações pessoais. Tem sido razoavelmente esperto. É uma das razões por que tem conseguido manter-se fora dos nossos radares nos últimos anos.

— Até agora — declarou Murphy.

Faraday assentiu e passou ao slide seguinte. Não havia na sala uma única pessoa que não o reconhecesse. No ano anterior aquele homem magro que aparecia no ecrã causara inúmeros problemas àquela unidade secreta.

— Creio que não será necessário dar-vos o currículo de Dean Crozier — disse Faraday, olhando para Usher na primeira fila. A seguir fitou Stark que lhe devolveu o olhar com uma expressão que garantia que, de facto, não seria preciso.

Crozier fora também um membro da unidade. Enquanto o homem que agora dava pelo nome de Carter Blake se especializara em localizar pessoas, Crozier especializara-se em acabar com elas. Fora talvez demasiado zeloso na consecução da sua tarefa a ponto de o predecessor de Faraday o ter reservado para uma colocação em partes do mundo onde a sua brutalidade não fosse notada. Mesmo assim, por entre os outros homens, circulavam histórias a respeito dele. Que não limitara as mortes aos alvos designados. Que levava os interrogatórios a um nível que fizera com que os agentes da FSB russa parecessem hippies veganos cheios de compaixão. Corria até a história de que matara os pais quando era criança e que escapara devido à falta de provas.

Bastava dizer que ninguém lamentara a partida de Dean Crozier para paradeiro desconhecido. Havia uma suspeita muda de que lhe haviam tratado da saúde por ordem do predecessor de Faraday. Infelizmente, para muitos inocentes, não fora esse o caso.

— Como muitos têm conhecimento — prosseguiu Faraday — no ano passado o Departamento da Polícia de Los Angeles descobriu provas de que um assassino em série atuara em todo o país coincidindo exatamente com o tempo a seguir a Crozier nos ter deixado. Havia coisas no *modus operandi* do assassino que chamaram a atenção: a experiência militar, o uso de aparelhos de localização e armadilhas e, principalmente, a utilização desta arma nos crimes. — O ecrã mudou para nele surgir um punhal longo e curvo. — A assinatura do Crozier — acrescentou Faraday. — Não podíamos ficar de braços cruzados, face a isto. Ele estava descontrolado e isso era inaceitável.

Não era a primeira vez que Stark perguntava a si próprio o que seria mais inaceitável: as dezenas de assassinatos que Crozier cometera em todo o país ou o facto de ser evidente que não podiam confiar nele para manter a boca fechada acerca do seu passado quando, inevitavelmente, fosse capturado. Dados os parâmetros da sua missão, fazia uma ideia bastante precisa.

— Enviámos três homens a Los Angeles — disse ela, olhando por instantes para Stark e para os outros dois de quem falava: Abrams e Usher. — E eles completaram o trabalho.

Num ato reflexo, Stark olhou novamente para Usher. Desta vez, este não se mexeu, mantendo os olhos fixos em Faraday. A verdade era que apenas Usher sabia exatamente o que acontecera no local de filmagens abandonado, nas montanhas onde Crozier fora encontrado morto, juntamente com a sua meia-irmã e aparentemente parceira no crime.

— Durante a operação Crozier, tivemos uma complicação — prosseguiu Faraday. — A Polícia de Los Angeles resolveu arranjar um suspeito na manhã do dia anterior à nossa intervenção. Nem vale a pena dizer que estavam totalmente enganados.

A imagem de Carter Blake surgiu no ecrã. Era de novo a fotografia da carta de condução, só que, desta vez, fazia parte da imagem de um ecrã de um canal de notícias de Los Angeles. A fotografia de Blake estava num lado, a jornalista loura no outro, de boca aberta e testa franzida. «Polícia de Los Angeles identifica o suspeito dos crimes do Samaritano» lia-se no rodapé.

— Estranhamente, os agentes da polícia de Los Angeles têm sido pouco comunicativos acerca disto, mas conseguimos juntar as peças. Parece que não éramos os únicos a perceber que se tratava de Crozier. Blake percebeu-o igualmente e ofereceu os seus serviços para o apanhar.

— Mas foi uma ação idiota — declarou Murphy, avançando mais uma vez. — Blake estava numa posição vantajosa, mas tinha de saber que isto poderia acontecer. Manteve-se invisível durante quatro anos e depois isto.

Stark ergueu a mão, olhando Faraday nos olhos.

— Mas porque teremos de ir atrás do Blake?

— Pelas mesmas razões que Crozier teve de ser abatido. Primeiro, sabe demais. Segundo, é um perigo para a sociedade.

— Com o devido respeito — disse Stark depois de refletir um momento —, daquilo que disse, não me parece que possamos concluir isso. Ele ajudou a polícia. Não é um assassino como o Crozier.

Murphy sorriu com ar entendido e olhou para Faraday como se quisesse perguntar-lhe, *Quer dizer-lhe ou digo-lhe eu?*

Faraday não lhe devolveu o olhar. Passou ao slide seguinte. Nele apareceu um casal bem-parecido. O homem estava em boa forma, teria cerca de 45 anos. Tinha cabelo castanho, vestia um fato escuro e exibia um sorriso de orelha a orelha. Tinha o braço em volta de uma mulher: uma morena de enormes e expressivos olhos castanhos e um sorriso ainda mais cintilante que o do companheiro. Tinham sido fotografados diante de um mar de rostos sorridentes. No fundo percebiam-se balões vermelhos, brancos e azuis, suspensos no ar.

— Reconhece este homem, Stark? — O tom de voz de Faraday era subtilmente trocista e bem o podia ser, pois havia muito poucas pessoas no país que não reconheciam o homem e a mulher na fotografia. Cinco anos antes, os seus rostos tinham aparecido na primeira página de todos os jornais do mundo ocidental.

— Claro que sim. Está a dizer-me que o Blake sabe alguma coisa acerca do assassinato do Senador Carlson?

Faraday levou algum tempo a responder.

— Estou a dizer-lhe que foi ele quem puxou o gatilho.

CINCO ANOS ANTES

NOVA IORQUE

— Desculpe. Procura alguém?

Voltei a cabeça ao som de uma alegre voz feminina e vi a dona aproximar-se, pisando os ladrilhos do átrio com velocidade e propósito. A primeira

ideia que me ocorreu foi, *Aí vêm sarilhos*. Embora a pergunta e o tom em que fora feita fossem educados, a expressão dela dizia o contrário. Parecia querer afirmar que tinha mil e uma coisas para fazer e faltava-lhe tempo para lidar com um zé-ninguém que entrara por engano naquele edifício de escritórios de Midtown.

Tinha cabelo louro e media provavelmente 1,65 metros — porém, era difícil ter a certeza, pois calçava sapatos de salto alto. Tinha olhos azuis e usava um subtil brilho rosado nos lábios. Vestia uma saia justa cinzenta antracite e um casaco a condizer por cima de uma blusa creme. Havia um cartão de identificação laminado pregado na lapela do casaco. Trazia na mão um *iPad* que, calculei, continha a lista dos seus mil e um afazeres ordenados por ordem de prioridade. Deteve-se dois passos diante de mim e ergueu os olhos com uma expressão expectante.

— Procuo sim. — Sorri. — Chamo-me...

— Quem?

— Desculpe?

— Com quem se veio encontrar?

Olhei para o cartão da lapela. Ao contrário do modo como olhava para mim, a fotografia mostrava-a com um sorriso afetuoso. Havia um código de barras e uma enfiada de números e letras, bem como um nome e um cargo: Carol Langford, Diretora de Operações.

— Trabalha para John Carlson?

Carol Langford suspirou como se se resignasse a desperdiçar comigo mais uns minutos do que tinha orçamentado.

— Trabalho para o *Senador* Carlson, sim. Sabe o que isso significa?

— Significa que hoje tem muito que fazer?

— Exatamente. Hoje e todos os dias. Agora, se tiver a gentileza de me dizer ao que vem, posso passá-lo para a pessoa indicada ou ajudá-lo a encontrar o caminho para a saída.

— Tenho uma reunião com ele.

— Com quem?

— Com o *Senador* Carlson.

Ela pestanejou.

— Não tem, não.

— Como sabe? Nem sequer lhe disse ainda quem era.

— Não preciso de saber quem é.

— Não precisa?

Abanou a cabeça.

— Porque sei que não é o diretor executivo da Lake George Association, com quem o Senador Carlson se vai reunir dentro de 20 minutos e o senhor certamente não é Elizabeth Carlson, com quem o senador vai almoçar depois.

— Como pode ter a certeza? — perguntei, incapaz de resistir à necessidade de a provocar um pouco mais.

Não deu resultado. Em vez de ficar mais irritada, descontraíu-se e lançou-me um sorriso sarcástico.

— Porque a Senhora Carlson *nunca* chega adiantada a um compromisso.

Acenei com a cabeça.

— Conhece-a bem.

— Não há como isso.

Antes de podermos voltar à questão de quem eu era e porque pensava que tinha aquela reunião, fomos interrompidos pelo toque do telemóvel dela. Carol ergueu as sobrancelhas para se desculpar e pegou no telefone para olhar para o visor antes de atender.

— Senador? Estou bem, obrigada. Estava... — Fez uma pausa e os seus olhos azuis pestanejaram na minha direção. — Sim, está um homem na receção, mas ele... — O seu olhar concentrou-se mais e percebi que verificava a descrição. Senti-me um pouco incomodado, como se estivesse a ser revistado.

— Sim, é ele. Muito bem. Agora? Muito bem.

Desligou e compôs um sorriso delicado que coincidia perfeitamente com o do cartão de identificação.

— Foi engano meu. Parece que, de facto, tem uma reunião com o senador.

— Não há problema — sorri. — Creio que alguém lixou a agenda.

O sorriso desapareceu no preciso momento em que me apercebi de que a pessoa responsável pela agenda estava à minha frente.

— É pouco provável — afirmou, em tom gélido.

A receção estava situada entre duas filas de torniquetes eletrónicos que impediam o acesso ao resto do edifício. Carol Langford pediu um cartão de visitante para mim, passámos pelos torniquetes e entrámos num dos três elevadores. Carol carregou no botão para o 26.º andar e as portas fecharam-se silenciosamente.

— Há quanto tempo trabalha para o senador? — perguntei para quebrar o gelo, quando o elevador deu início à subida.

— Há quase três anos.

— Deve ter muito que fazer.

Carol olhou para mim pela primeira vez desde que saíramos do átrio e acenou lentamente com a cabeça. Tinha uma expressão neutra, mas apercebi-me pelos olhos dela que os meus esforços para cair nas suas boas graças com aquela conversa fiada a estavam a divertir.

O número dos andares passava no visor: nove, dez, onze. Ocorreu-me um pensamento estranho. Muito provavelmente, os andares ascendentes eram como um relógio a marcar a última vez que eu estaria sozinho com esta mulher. E, não compreendia porquê, mas não desejava que esse tempo terminasse já.

— Sabe — disse eu, como se tivesse refletido no assunto. — Se me desse o seu número de telefone, podia ligar-lhe antecipadamente para a próxima vez. Assim não haveria surpresas.

Olhou-me e pestanejou, depois abanou a cabeça, divertida.

— Não me diga.

— Não pegou, pois não?

— Já ouvi melhor.

— Tenha paciência comigo. Estou enferrujado. Estive um tempo fora do país.

— Ai esteve?

Os andares continuavam a passar. Vinte e dois, vinte e três. Senti o elevador abrandar.

Encolhi os ombros.

— Desculpe. Não quis ofendê-la.

— Quem está ofendida? — perguntou ela e aquilo poderia significar qualquer coisa.

Os dígitos chegaram a 26. O elevador fez um ruído suave e as portas abriram-se para um átrio comprido, que terminava numas enormes janelas que iam do chão até ao teto, voltadas a leste. O sol brilhava no céu azul sobre o East River, atapetando de luz o chão.

Carol voltou à esquerda e percorreu o átrio sem esperar por mim. Segui-a. Sem olhar para trás, falou, de novo em tom formal.

— Importa-se de me dizer a razão do seu encontro com o senador?

— Dir-lhe-ia se pudesse.

— Secreto?

— Até para mim — respondi.

Era verdade. Não tinha a certeza de como ou da razão do senador me ter encontrado, mas estava suficientemente intrigado para querer saber. Passámos por vários gabinetes, antes de chegar a um ao fundo do átrio com uma placa onde estava inscrito: Senador John Carlson.

Carol fez uma pausa junto à porta e voltou-se para mim.

— Vou dizer-lhe uma coisa. Há um restaurante em Little Italy de que gosto muito. Chama-se Terradici's. Consegue encontrá-lo?

Sorri, apanhado desprevenido.

— Claro. Sou bom a encontrar coisas.

Ela assentiu.

— Então às 20 horas. Mas só se tiver a certeza da minha capacidade para não dar cabo da agenda.

Antes que pudesse abrir a boca para lhe responder, virou-me as costas, bateu à porta e abriu-a. Fez-me entrar num enorme gabinete com janelas igualmente do chão ao teto, mas desta vez, com vista para sul. As paredes estavam cheias de livros e a carpete parecia mais alta e fofa do que a do corredor. Havia uma secretária grande diante da janela larga, e a ela estava sentado um homem igualmente grande, que se levantou para nos receber.

John Carlson era jovem e estava em boa forma, sobretudo tratando-se de um senador. Vestia uma camisa às riscas. O casaco encontrava-se pendurado nas costas da cadeira. Eu não estava habituado a encontrar-me com figuras públicas e tive um sentimento estranho de desconexão. Parecia-me que ele saíra de um ecrã de televisão ou da capa da *Newsweek* — a mesma constituição, feições, o mesmo cabelo castanho, olhos castanhos, tez bronzada que tantas vezes vira fora da realidade. Levei um instante a aperceber-me do que faltava. O sorriso *Pepsodent*. No seu lugar estava uma expressão de triste concentração, como se se tivesse preparado várias vezes para este momento durante toda a manhã. Creio que foi nesse momento que percebi por que razão me convocara.

Estendi a mão e ele apertou-ma firmemente, com as duas mãos, enquanto me olhava nos olhos. Um verdadeiro aperto de mão político. Apresentámo-nos, embora já ambos soubéssemos os nossos nomes.

— Obrigado, Carol — disse ele, sem afastar os olhos de mim. Olhei para ela e vi que tentava disfarçar a testa franzida. Tive a impressão de que não estava habituada a ser dispensada tão abruptamente.

Ela acenou com a cabeça.

— Diga-me se precisar de alguma coisa.

A porta fechou-se atrás dela. Carlson recuou uns passos, sentou-se no canto da secretária e apontou para as duas cadeiras estofadas em frente a esta. Puxei uma delas e sentei-me. Olhou para mim, medindo-me com o olhar. Perguntei a mim mesmo se se trataria de uma técnica num manual de negócios para reforçar as relações de poder numa reunião ou coisa parecida.

— Obrigado por ter vindo. Agradeço-lhe muito.

— Não há problema — disse eu. — Tenho de dizer que me sinto curioso.

— Quer saber porque quero falar consigo.

Desviei o olhar e, antes de responder, interessei-me pela cidade durante uns segundos.

— É apenas a ponta do icebergue — disse eu. — Sinto curiosidade em saber quem lhe disse que eu era a pessoa com quem tinha de falar. E ainda mais em descobrir como me descobriu. O meu apartamento na cidade não está no meu nome e saio muitas vezes do país em trabalho. É tudo muito curioso. Mas aquilo por que sinto mais curiosidade é o facto de não querer que ninguém saiba que se vai reunir comigo, a ponto de uma das suas mais próximas colaboradoras o ignorar até ao último minuto.

Carlson olhava para mim, sem pestanejar, enquanto eu falava. Depois de eu ter terminado acenou lentamente com a cabeça.

— Muito bem. Creio poder responder às suas perguntas com apenas uma palavra.

Mantive a expressão impassível.

— Trata-se de uma palavra mágica?

Pela primeira vez, vi uma sugestão do famoso sorriso de Carlson.

— Pode dizê-lo. Sei que o senhor e os do seu bando gostam de se considerar uma espécie de mágicos.

Todas as dúvidas se evaporaram e soube qual era a palavra. Também percebi que teria de sair daquela sala o mais rápida e airosamente possível. Aclarei a garganta e sorri.

— Os do meu bando? — repeti, na esperança que o meu tom de voz conferisse o equilíbrio correto de confusão e divertimento.

Carlson acenou de novo com a cabeça, mas o sorriso desaparecera. Levantou-se e reparei que havia dois dossiês de cartão sobre a

sua secretária: um grosso e um fino. Estendeu a mão e pegou no fino. Não tinha etiqueta na capa. Abriu-o e folheou os papéis.

— Diz aqui que tem trabalhado para o Tio Sam nos últimos seis anos. Plano Pessoal no Estrangeiro. Um belo salário. Muitas viagens. Boa posição, pelo que aparenta.

— É mais difícil do que parece.

— Oh, não duvido. Não duvido mesmo nada. Porque são tudo tretas.

Fechou o dossiê e bateu com ele em cima da mesa, para logo voltar a olhar para mim.

— Porque não me conta o que de facto faz? — perguntou. — Porque não me fala da Winterlong?

UMA PERSEGUIÇÃO SEM TRÉGUAS VAI COMEÇAR.

Há cinco anos, Carter Blake abandonou a organização secreta governamental para a qual trabalhava, a Winterlong, com uma condição: ele prometia não divulgar o tipo de operações duvidosas que realizavam e em troca deixavam-no viver em paz. Mas a liderança da Winterlong mudou e agora eles querem-no fora de cena, de vez.

Alheio a este facto, Blake, que passou a dedicar-se a encontrar pessoas que não querem ser encontradas, aceita um novo serviço: procurar Scott Bryant, que roubou à empresa de software onde trabalha um programa que promete revolucionar as redes sociais. A missão não é das mais difíceis e Blake descobre rapidamente o paradeiro do ladrão desaparecido.

Quando se prepara para trazer Bryant de volta, juntamente com o software roubado, Blake recebe uma mensagem misteriosa, que o leva a concluir que a sua antiga organização anda atrás dele. É então que Blake passa de caçador a presa e tudo muda. Restam-lhe duas opções: fugir para sempre ou virar o jogo a seu favor e acabar de vez com a Winterlong. O confronto com o passado é inevitável, mas conseguirá ele sobreviver?

«Um thriller de tirar o fôlego.»
Morning Star

Leia também:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8855-17-6



9 789898 855176

Ficção/Policial